



PPGCOM / PPGA (UFF)
e Universität Tübingen



I SEMINÁRIO INTERNO DO PROBRAL

(CAPES/DAAD)



02 e 03 de outubro
sala 405 - Bloco A
Campus Gragoatá



Programação

02 de outubro - Quarta-feira	
9h	Abertura
9h20 - 10h40	<p>Renata de Sá Gonçalves (PPGA/UFF) ““Não vou contar tudo o que ouvi, pois você precisa viver este tour” - Etnografia de visitas, percursos e roteiros a pé pelas ruas da região portuária no Rio de Janeiro do século XXI”</p> <p>Felipe Trotta (PPGCOM/UFF) "Música, espaço público e negritude: política e ocupação sonora na região da Pedra do Sal"</p>
10h40 - 12h	<p>Kim Tiveron da Costa (Universität Tübingen) “Subjetividade artística e afrodescendência em Recordações do Escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto. Problemas e conflitos na cartografia do campo literário brasileiro em seu período de formação”</p> <p>Beatriz Polivanov, Beatriz Medeiros e Deborah Rodriguez Santos (PPGCOM/UFF) “Cais do Valongo e sites de redes sociais: (in)visibilidade e múltiplas temporalidades”</p>
12h - 14h	Almoço
14h - 15h20	<p>Roberto Robalinho (PPGCOM/UFF - Universität Tübingen) "Após o incêndio: imagens e restos da catástrofe colonial"</p> <p>Sebastian Thies e Luis Rosero Amaya (Universität Tübingen) "Desarticulando audiotopias urbanas: Políticas del sonido y subjetividades prostéticas en <i>Branco sai, Preto fica</i> (Adirley Queirós, Brasil, 2014)"</p>
15h20 - 16h40	<p>Simone Pondé Vassallo (PPGA/UFF) "Memórias em conflito: a construção contemporânea do território da Pequena África no Rio de Janeiro"</p> <p>Fernando Resende (PPGCOM/UFF) “Entre o que vemos e o que nos olha: uma cartografia das imagens do jovem cinema afro-brasileiro a partir do Valongo”</p>
16h40 - 17h30	Próximos passos do PROBRAL Encerramento
03 de outubro - Quinta-feira	
10h - 13h	Visita à Região do Valongo

Resumos

Renata de Sá Gonçalves (PPGA/UFF)

Título: "Não vou contar tudo o que ouvi, pois você precisa viver este tour" - etnografia de visitas, percursos e roteiros a pé pelas ruas da região portuária no Rio de Janeiro do século XXI

Resumo: A vivência pessoal das ruas do Rio de Janeiro foi muito freqüente nos relatos de cronistas nas primeiras décadas do século XX, período em que a cidade se pretendia "civilizada" no mais europeu dos sentidos. Alguns deles, como o cronista João do Rio (1881-1921) descreveu seus percursos pessoais pelas ruas do Rio de Janeiro, "a alma encantadora das ruas". Por meio do gênero da crônica-reportagem, João do Rio foi um dos pioneiros da prática da observação no local (O'Donnell, 2008). O que se narra pelos olhos sensíveis de um observador que anda pelas ruas de sua cidade tem sido uma prática que atravessou o século com muitas mudanças nas formas de olhar e de concebê-la. Ao eleger como foco as fronteiras sempre móveis e imprecisas da chamada "Pequena África" inserida na região portuária do Rio de Janeiro, o objetivo da investigação é perceber tais visitas como uma forma de se fazer a cidade (Agier, 2011) no século XXI. Há hoje um número importante de trajetos guiados que partem de grupos organizados, associações locais, empresas, hotéis, escolas, moradores da referida região. Tomo como ponto inicial e de referência, o acompanhamento das visitas guiadas na zona portuária proporcionadas pelo Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana (criado em 2011 pela Prefeitura do Rio). Assim, busco compreender como eventos e atividades de divulgação da região constituem uma forma não apenas de olhar, mas de viver e de definir esses espaços e suas fronteiras, bem como de constituir pertencimentos mais ou menos vinculados a uma memória afrodescendente. A partir de contrastes entre o projeto urbanístico de "revitalização urbana" dessa região - o Projeto Porto Maravilha, desejo compreender quais as tensões na dinâmica de definição de localidades. Quais são os diferentes discursos e formas de articulação da memória. Quais são os imaginários e expectativas nas visitas de guias e de visitantes da região? Interessa aqui perceber as sociabilidades dos visitantes entre si, as interações com objetos, pessoas e lugares que evocam um tempo presente e passado e constituem experiências pessoais e coletivas cambiantes. Para isso, tenho por um lado, levantado narrativas de seus visitantes publicadas em blogs, como também as perspectivas de pesquisadores e de narrativas oficiais divulgadas por órgãos de turismo, e de cultura. Por outro lado, tenho também explorado etnograficamente a observação e acompanhamento de visitas guiadas, buscando explorar a vivência corporal como meio de aprendizado de certos trajetos pela região portuária.

Felipe Trotta (PPGCOM/UFF)

Título: "Música, espaço público e negritude: política e ocupação sonora na região da Pedra do Sal"

Resumo: A proposta é discutir as formas de ocupação musical na região da Pedra do Sal por agentes identificados com a luta antirracista no Brasil contemporâneo. Em tempos de profundo acirramento político e de perseguição ideológica contra movimentos sociais, quilombolas e minorias em geral por parte do poder público em todas suas esferas (municipal, estadual e federal),

a prática de ocupar praças e lugares simbólicos da cidade com música e festa tem um viés agudamente político. Pretendo discutir as peculiaridades e formas de ocupação de dois eventos regulares: a Roda de Samba da Pedra do Sal (semanal) e o samba da Moça Prosa, no Lgo. da Prainha (mensal). Em ambos, categorias de luta como negritude e feminismo se interligam com o acionamento de uma memória histórica do próprio samba, vinculado à região onde tais eventos acontecem, marcados pela história da escravidão e do genocídio negro no Brasil durante três séculos. A música se torna artefato de engajamento, conagração e compartilhamento de ideias, narrativas e experiências corporais-sensoriais que ativam vínculos dos participantes com tais categorias de luta e resistência contra uma diversidade multifacetada de ataques físicos e simbólicos. Como som, como prática social, como história e como política, o samba nesses espaços é um ingrediente de reforço de laços e combustível para enfrentar os desafios, dificuldades e enfrentamentos das lutas antirracistas e feministas atuais.

Kim Tiveron da Costa (Universität Tübingen)

Título: "Subjetividade artística e afrodescendência em Recordações do Escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto. Problemas e conflitos na cartografia do campo literário brasileiro em seu período de formação"

Resumo: O capítulo da minha tese de doutorado que servirá de base para minha apresentação compreende uma análise do romance inaugural de Lima Barreto, Recordações do escrivão Isaías Caminha (1909), a partir da qual se abordará o modo como o escritor representa uma subjetividade artística em desenvolvimento em conjunção com a afrodescendência, apontando aí muitos dos problemas e obstáculos oriundos deste dado contexto, os quais se caracterizam primeiramente pelo preconceito racial e pelo conseqüente menosprezo à subjetividade artística afrodescendente no interior do espaço intelectual brasileiro a princípios do século XX. Machado de Assis representa uma das poucas exceções, fato que abre um termo de comparação entre o modo de representar a subjetividade artística afrodescendente de ambos os autores, bem como suas posições em relação à causa negra. Outro ponto a ser explorado a partir desta comparação é o processo de branqueamento aplicado a artistas de elevado capital simbólico, fator possivelmente determinante aos movimentos no campo literário e artístico. Neste período, o campo literário brasileiro ainda se encontrava em estado disfuncional, no processo de formação, o que implica uma dependência ou subordinação epistemológica em relação à europa, de modo que os movimentos dos artistas brasileiros eram determinados ou guiados por normas, princípios e representações de um campo literário alheio, já há muito autônomo como era o francês. Tanto Machado de Assis quanto Lima Barreto se posicionaram criticamente sobre estas relações na concepção de seus personagens artistas. No aspecto teórico, discutiremos criticamente as teorias dos campos, de Pierre Bourdieu, e sua aplicação à literatura brasileira. Outro aspecto a ser abordado é o gênero Künstlerroman (romance de artista), compreendido como um modo de 'cartografar', no sentido de registrar sistematicamente o campo literário, por sua essência de representar tanto a subjetividade artística como o funcionamento das artes no espaço social de determinada época e cultura. A leitura que fazemos de Recordações do escrivão Isaías Caminha se coaduna com as características do referido gênero literário.

Beatriz Polivanov, Beatriz Medeiros e Deborah Rodriguez dos Santos (PPGCOM/UFF)

Título: Cais do Valongo e sites de redes sociais: (in)visibilidade e múltiplas temporalidades

Resumo: O Cais do Valongo, inserido na zona portuária do Rio de Janeiro, é um território marcado pela intensa chegada e transação de escravos africanos no século XIX. Atualmente é considerado Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO, configurando-se como relevante local que deixou rastros da vinda forçosa de sujeitos escravizados da África para o Brasil. Junto, contudo, à sua inscrição física, geograficamente situada, o Cais e suas adjacências possuem também uma presença virtual, que poderia gerar, através de espaços como sites de redes sociais, outras camadas de visibilidade para informações sobre e apropriações do local. Se hoje o Cais e seu entorno são re-significados como espaço de música, dança e produções culturais diversas, é relevante refletir sobre como os ambientes digitais articulam e mediam tal resignificação. Nesse sentido, propõe-se que este eixo da pesquisa foque na presença virtual da região. Em um mapeamento inicial, a partir de busca pela palavra-chave "Cais do Valongo", o corpus abrange, dentre outros espaços, a página <https://www.facebook.com/RodaValongo/>, as hashtags #caisdovalongo e #pequenaafrika no Instagram e no Twitter e o canal <https://www.youtube.com/user/pordentrodaafrika> no YouTube. Discute-se que novos significados estão sendo atribuídos à região em sua dimensão virtual através das articulações entre sujeitos-território-redes sociotécnicas. Tem-se o intuito, assim, de compreender de que modos eles afetam dinâmicas de (in)visibilidade territorial e de sujeitos, bem como construções de complexas camadas temporais em um lugar no qual "as três formas temporais [passado, presente e futuro] se tornam uma. Chegar, ficar e partir. Estar perto, deslocar-se e distanciar-se. Um tempo único, que só existe ali" (PAIVA E CURI, 2016, p. 62), que agora é também mediado pelo tempo dos algoritmos.

Roberto Robalinho (PPGCOM/UFF - Universität Tübingen)

Título: "Após o incêndio: imagens e restos da catástrofe colonial"

Resumo: O Museu Nacional queimou e a floresta Amazônica queima ininterruptamente, qual e quando será o próximo incêndio? O que fazer diante das cinzas do mundo? Ailton Krenak costuma dizer que o genocídio indígena não acabou, que a violência colonial, fundadora do nosso país, segue operando e destruindo modos de vida. No entanto, ele, como muitos grupos indígenas, seguem sobrevivendo. O que significa sobreviver ao incêndio? Como pensar e perceber estas sobrevivências? A proposta desta fala parte de uma pesquisa inicial a partir de uma política e ética das imagens que agenciam sobrevivências à violência colonial. De um lado olharemos para uma teoria pós colonial que descreve os restos, as excrescências e sobrevivências da experiência colonial, uma violência que não se dissipa e atua no presente. Por outro, uma teoria contemporânea da imagem, que identifica insurgências no campo estético também a partir dos restos, das intermitências e desarranjos sensíveis que atualizam e invocam no presente outros corpos e outros tempos, muitas vezes indesejados. Como, por exemplo, a floresta em chamas reage com a própria imagem do fogo e invoca, a partir de um amplo agenciamento, um tempo enredado de violências e ao mesmo tempo formas de vida indesejadas à margem de uma ideia de desenvolvimento. As imagens da floresta ardendo unem no mesmo plano, o tempo imemorial do massacre colonial e o

tempo por vir do fim do mundo. Nos interessa compreender, como estas imagens da floresta em chamuscas agenciam um corpo capaz de nos afetar politicamente e como esse processo se vincula a uma possível sobrevivência e resistência ao massacre colonial.

Sebastian Thies e Luis Rosero Amaya (Universität Tübingen)

Título: Desarticulando audiotopias urbanas: Políticas del sonido y subjetividades prostéticas en *Branco sai, Preto fica* (Adirley Queirós, Brasil, 2014)

Resumo: Nos aproximamos a la noción de territorialidades en conflicto estudiando cómo en la película *Branco sai, preto fica* (Adirley Queirós, Brasil, 2014) se deconstruyen los fundamentos ideológicos del proyecto urbanístico de Brasilia. La película retrata la vida de dos sobrevivientes afrobrasileños de una masacre policíaca en la discoteca El Quarentão en 1986. Yuxtaponiéndole a esta memoria de la represión estatal una trama de ciencia ficción, se construye la imagen de un poder estatal necropolítico que impone una rígida segregación racial a la población de la periferia urbana. Es desde esta periferia que las subjetividades prostéticas de los sobrevivientes logran desarticular la visualidad hegemónica del espacio metropolitano contraponiéndole prácticas de contrasonoridad y contravisualidad.

Simone Pondé Vassallo (PPGA/UFF)

Título: "Memórias em conflito: a construção contemporânea do território da Pequena África no Rio de Janeiro"

Resumo: Pretendo aqui apresentar brevemente alguns eixos da pesquisa que venho desenvolvendo desde 2010 na região portuária do Rio de Janeiro sobre a construção contemporânea do território da Pequena África, que acredito que poderão contribuir para o projeto "Discomforting territories". Procuro ressaltar a contribuição da abordagem antropológica, que busca compreender a complexidade da realidade social observada tendo por base a tentativa de entendimento da perspectiva dos principais atores envolvidos. A presente pesquisa tem por objeto o processo de patrimonialização do Cais do Valongo e os efeitos do seu reconhecimento pela UNESCO como patrimônio da humanidade. Concentro-me na atuação de três distintos grupos sociais diretamente envolvidos no processo: lideranças do movimento negro e lideranças locais; representantes do poder público; pesquisadores universitários, sobretudo arqueólogos e historiadores. Para tanto, venho realizando pesquisa de campo que inclui a participação em reuniões, audiências públicas, celebrações e situações cotidianas, bem como conversas informais e entrevistas formais com alguns dos atores envolvidos. O Cais do Valongo foi desenterrado no início de 2011 na região portuária do Rio de Janeiro, durante o projeto Porto Maravilha de revitalização que conferiu uma enorme visibilidade à localidade e produziu uma série de conflitos entre indivíduos e grupos que atuam nesse território. Em 2017, o Cais foi reconhecido pela UNESCO como patrimônio da humanidade, encarnando o local por onde mais africanos escravizados desembarcaram em todo o mundo e o maior símbolo do tráfico transatlântico negreiro fora da África. A narrativa que sustenta o seu dossiê de candidatura para a UNESCO foi fortemente influenciada pelo projeto Rota do Escravo, da UNESCO, e pelo reconhecimento pela ONU, durante a Conferência de Durban, em 2001, de que a escravidão e o tráfico transatlântico negreiro constituem crimes contra a

humanidade. Seu dossiê de candidatura repousa na idéia de um sítio de memória sensível – tal como Auschwitz e as cidades de Nagasaki e Iroshima – que evoca um passado doloroso que não deve voltar a se repetir. Ele denuncia o Brasil como sendo o maior país escravagista do mundo, invertendo as tradicionais representações da nação brasileira como uma democracia racial. O reconhecimento do Cais pela UNESCO contribuiu significativamente para a construção e afirmação da região portuária como um território negro permeado por memórias e ancestralidade afrodescendentes – que vem ocorrendo desde ao menos a década de 1980 – mas também trouxe inúmeros conflitos. Ele favoreceu diversas ações, nem sempre convergentes, que procuro acompanhar, tais como: as reivindicações de lideranças negras e locais em torno do reconhecimento de dois cemitérios de africanos escravizados encontrados na região; os pedidos de reparação pela memória realizados pela Comissão da Pequena África; os projetos de criação de um museu ou memorial da diáspora africana ou da escravidão. A partir da observação do processo de patrimonialização do Cais do Valongo desde que foi desenterrado – ou seja, de como os seus principais significados foram progressivamente construídos, por quais grupos de atores, por quais mecanismos de produção de consensos e tensões – , procuro compreender e analisar a construção contemporânea do território da Pequena África. Entendo que os territórios e suas fronteiras são sempre situacional e subjetivamente construídos, o que implica em pensar que tanto as suas definições quanto às suas fronteiras são fluídas e variam em função do contexto, dos atores envolvidos e do momento histórico. Nesse sentido, parto da idéia que a Pequena África não possui uma definição rígida ou pré-determinada e busco analisar a produção de narrativas e experiências contemporâneas em torno desse território, que entrelaçam pessoas e lugares, muitas vezes de forma tensa e disputada.

Fernando Resende (PPGCOM/UFF)

Título: Entre o que vemos e o que nos olha: uma cartografia das imagens do jovem cinema afro-brasileiro a partir do Valongo

Resumo: O regime que instituiu a escravidão, braço fundamental do projeto colonialista nas Américas (Mignolo, 2003), deu lugar a identidades e geografias esfaceladas em torno (e a partir) das quais a comunidade afro-brasileira hoje luta para se recompor. Ao tomar esta perspectiva como premissa, esta pesquisa propõe fazer um levantamento iconográfico a partir de mapas e imagens (entre outros documentos) que, de uma perspectiva historiográfica sincrônica, nos ajudem a encontrar operadores analíticos que se tornarão fundamentais para trabalharmos com a cultura visual a partir de uma África imaginada. Hoje, no Brasil, nota-se uma forte e renovada presença de uma chamada "jovem cinematografia negra" – um conjunto de filmes que se apresenta como dispositivo central para esta pesquisa. A referência ao continente africano em muitos dos filmes produzidos no âmbito desta "cinematografia negra" não é tão-somente um dado conteudístico, mais que tudo, ela é de caráter simbólico, discursivo e estético; são reminiscências, restos e vestígios que, de diversas formas, nesses filmes – ou nas suas imagens em movimento – se instalam. Esta produção tem permitido refletir acerca da presença de corpos e geografias que abarcam a questão do negro no Brasil à luz da memória e dos vestígios escravagistas. É o projeto colonialista, com suas complexidades e seus jogos de poder que, de alguma maneira, reverbera na produção de imagens hoje ativada por sujeitos que carregam no corpo a história do genocídio

africano no Brasil. Em que medida, através de quais formas, as imagens de hoje nos fornecem parâmetros para rever o projeto colonialista e imaginar futuros decoloniais? E em que medida, através de quais formas, as imagens de ontem nos ajudam a ler as que hoje produzimos? Essas são algumas das perguntas centrais que permeiam a pesquisa desenvolvida, particularmente, a partir de uma problemática geopolítica e territorial. O território da Pequena África, no centro do Rio de Janeiro, com suas camadas de poderes e disputas, é o lugar de onde partimos para pensar o projeto escravagista como parte estruturante e estruturadora de uma dinâmica geopolítica. Nesse sentido, entende-se que o olhar para as imagens que hoje ativam esta memória é inevitavelmente atravessado pelas geopolíticas e pelos jogos de poder que nelas se inscrevem.